**O Concílio Vaticano II e as culturas: a inculturação do Evangelho através das línguas nativas na América Latina**

**Sergio Esteban González Martínez[[1]](#footnote-1)\***

**Introdução**

 O Anúncio do Evangelho hoje é realizado em muitas culturas. O Concílio Vaticano II com a sua reforma na Igreja ajudou para que o Reino de Deus seja anunciado em muitas culturas. A acolhida do Concilio foi realizada progressivamente no contexto Latino-americano, isso se percebe nos seus frutos, os documentos do CELAM. Embora, seja acolhido por uma parte da Igreja, por outra, é rejeitada. Acolher o Concílio implica movimento, ação, compromisso com a realidade; principalmente com as culturas nativas deste continente. A recepção se torna real quando os povos nativos se encontram com Deus na sua própria cultura e língua. Louvar, falar com Deus, encontrar-se com o Transcendente que fala nas entranhas da história, língua, costume, tradição, mito, lendas; é a missão da Igreja. Inculturar o Evangelho é possível graças a abertura da Igreja ao mundo.

**O impacto do Concílio Vaticano II nas culturas**

 O Concílio Vaticano II, abriu as portas da Igreja para que o Espírito de Deus sopre e renove a atividade missionária, a maneira de viver a fé, e o compromisso com o Reino de Deus. O impacto do discurso do Papa João XXIII, ao anunciar a convocação de um Concílio, provocou grande excitação, como também, esperança e incerteza na vida do povo no mundo inteiro. As mudanças progressivamente foram dando impacto na sociedade. A renovação da Igreja daria ao mundo dividido por interesses políticos, econômicos e religiosos, o começo de um novo olhar rumo a unidade de toda a família humana. A palavra *aggiornamento*, seria o vocábulo orientador do modo de agir da Igreja.

 A concretização da proposta do Concílio Vaticano II, passaria pelo olhar das culturas. O mundo inteiro, complexo e pluriforme em cultura, seria o campo onde a semente plantada pela Igreja, daria o seu fruto. Mas, esse ardo trabalho missionário, implicaria um esforço a longo prazo com o interesse e a participação de todas as partes. O mais desafiador de toda a mudança se centraria na conversão de pensamento dos fieis que professam a sua fé, e, especialmente, na abertura de todos os ministros ordenados na proposta de *aggiornamento* da Igreja. Tendo em conta que as verdadeiras mudanças, como também, a autêntica evangelização acontece a longo prazo; a esperança de cada vez mais, tornar real a proposta do Concílio, continua latente na vida eclesial.

O ser humano alcança plenamente sua humanidade pelo cultivo dos bens da natureza e dos valores. É a cultura. Natureza e cultura, pois, implicam-se mutuamente, sempre que se trata da vida humana. Num sentido amplo, a palavra “cultura” indica tudo com que o ser humano desenvolve e aperfeiçoa os seus diferentes dons da alma e do corpo. Procura dominar a terra com seu conhecimento e seu trabalho [...]. Finalmente, exprime, comunica e conserva, através de suas obras, suas grandes experiências espirituais e seus desejos de todos os tempos, para o proveito de todo o gênero humano (GS, 53).

 A compreensão da cultura implica o reconhecimento dela, como também, a assimilação de uma maneira diferente de ser. O primeiro passo para identificá-la é sair do centro. Colocar uma cultura padrão para aplicá-la as outras, resultaria prejudicial para a inculturação do Evangelho. Os instrumentos que ajudam a reconhecer a cultura pluriforme dos povos, passam pela história, língua, costume e tradição. Falar de povos nativos na América Latina é possível na medida que se conhece a linguagem. A linguística vá muito além do simples fato de falar a língua, ao ser o canal de riqueza de uma complexa maneira de ver a realidade, o cosmos que rodeia o ser humano. A Igreja no seu *aggiornamento* torna possível o conhecimento das diferentes culturas no mundo. Aqui no continente Latino-americano perceberemos o desafio da Igreja na atualização do Concílio, porque antes de qualquer atividade missionária, se precisa conhecer a língua, falar de Deus na sua própria linguagem. Na história da evangelização na América Latina, pode-se perceber que nem sempre a Igreja agiu conforme o Evangelho. Falar do Reino de Deus na língua colonizadora, a mesma que, oprimiu e matou muitos guaranis; não teria o mesmo resultado, que dizer *Nãndejára Tanderovasa*[[2]](#footnote-2) na língua guarani.

 **A inculturação do Evangelho na língua dos povos nativos**

 Acolher a proposta do Concílio Vaticano II, é olhar para as culturas nativas em América Latina. No continente existem duas línguas que sobressaem das outras: o espanhol e o português. O Evangelho é anunciado nessas línguas no dia de hoje, cada uma dentro da sua realidade. Embora a liturgia no Brasil expressa algumas caraterísticas próprias em relação aos outros países de língua hispana; ainda falta muito por inculturar o Evangelho neste país, dado que, no Brasil existem várias línguas além do português, principalmente, na região Pan-Amazônica. Olhar para as culturas implica o reconhecimento além do espanhol e o português. A existência de línguas oficiais, como por exemplo, o guarani no continente Latino, leva consigo o desafio da inculturação do Evangelho nessa língua. Em quanto Deus não seja anunciado nas vísceras da cultura por meio da língua, o Evangelho não cessará de ser anunciado.

O Evangelho e a evangelização independentes em relação às culturas, não são necessariamente incompatíveis com elas, mas suscetíveis de as impregnar a todas sem se escravizar a nenhuma delas. A ruptura entre o Evangelho e a cultura é sem dúvida o drama da nossa época, como o foi também de outras épocas. Assim, importa envidar todos os esforços no sentido de uma generosa evangelização da cultura, ou mais exatamente das culturas. Estas devem ser regeneradas mediante o impacto da Boa Nova. Mas um tal encontro não virá a dar-se se a Boa Nova não for proclamada (EN, 20).

 Perceber a presença de Deus que percorre toda a sua criação é possível na medida que se deixa o Espírito Santo agir na Igreja. Aqueles que anunciam o Evangelho, atuando conforme o Espírito, não vem na cultura, especialmente a nativa, uma ameaça ou algo fora da graça de Deus. Acolher o rosto do Pai nas culturas exige reconhecer, “de alguma forma, um símbolo indígena sem o qualificar necessariamente como idolátrico” (QA, 79). Cada vez que se rotula algum símbolo, rito ou agir, em qualquer cultura nativa, sem conhecê-la e ficando fora do ritmo da sua sabedoria; a atividade missionária não incultura o Evangelho. A aceitação da forma de expressar o conhecimento e a sabedoria de uma cultura nativa, pode ser o elemento que ajude à evangelização. Mas, para isso, precisa-se relembrar antes cada anúncio da Boa Nova que, “a evangelização consiste no penetrar do Reino de Deus e dos valores dele decorrentes nas mais diversas realidades humanas, de modo a se tornarem o paradigma para a ação das pessoas e da sociedade” (SOUZA; SBARDELOTTI, 2019, p. 250).

 A recepção do Concílio Vaticano II na América Latina, ajudou ao reconhecimento das diversas culturas neste continente. Os documentos do CELAM, foram frutos do acolhimento do Concílio. Embora exista abertura eclesial e recepção, ainda a Igreja precisa de muita conversão, para que o anúncio do Evangelho se insira nas vísceras dos povos nativos. A resistência do reconhecimento pluricultural ainda é latente. Dar lugar às culturas não implica só saber que existem, senão, estudá-la, respeitá-la, ouvi-la e fazendo que elas na sua linguagem própria vejam e ouçam o Deus Criador.

A Igreja, Povo de Deus, quando anuncia o Evangelho e os povos acolhem a fé, neles encarna e assume suas culturas. Instaura assim não uma identificação, mas uma estreita vinculação com ela. Por um lado, efetivamente, a fé transmitida pela Igreja é vivida a partir de uma cultura pressuposta, isto é, por fiéis “vinculados profundamente a uma cultura, e a construção do Reino não pode deixar de servir-se de elementos da cultura e das culturas humanas”. Por outro lado, continua válido, na ordem pastoral, o princípio de encarnação formulado por santo Ireneu: “O que não é assumido não é redimido” (DP, 400).

 A inculturação do Evangelho é uma atividade real e prática na Igreja. Não se reduz a idéias isoladas da realidade. Deixar que um povo nativo louve e reze a seu Deus Criador na sua própria língua, é fruto concreto e prático dessa inculturação. Na língua guarani, encontramos a oração da Igreja, o Pai Nosso. A realização dessa oração implicou o esforço de inúmeras pessoas, a colaboração de ministros ordenados e leigos, como também, a união de todo um país a fim da sua realização. A visita do Papa Francisco ao Paraguai, país bilingue que conservou a língua guarani apesar da sua proibição na ditadura pelo período de 35 anos, motivou a realização da oração do Pai Nosso em guarani. Inclusive na Missa presidida pelo Papa, ele mesmo iniciou a oração convidando o povo a rezar.

A Igreja deseja fazer quanto antes uma reforma litúrgica geral, para que o povo cristão aproveite melhor as riquezas de graça contidas na liturgia. Há, na liturgia, uma parte imutável, de instituição divina, e outras sujeitas a modificações, que podem e devem variar no decurso do tempo [...]. Nesta reforma, os textos e os ritos devem vir a exprimir com clareza as realidades santas que significam, para que o povo cristão as perceba com maior facilidade, na medida do possível, e possa participar plena e ativamente da celebração comunitária (SC, 21).

 Inculturar o Evangelho passa pela liturgia. O rito litúrgico é um meio rico de evangelização e de encontro de Deus com seu povo. As leituras, o Evangelho, as orações eucarísticas, os cantos; todo o sacramento da Eucaristia deve ser inserido na língua do povo nativo. Não é o mesmo proclamar o Evangelho na língua colonizadora que na língua nativa. A Missa presidida em guarani possui uma espiritualidade distinta ao espanhol porque manifesta a presença de Deus nas vísceras do povo. No Paraguai se encontram: cantos, Bíblia (*Ñandejára Ñe’ẽ*), Missal; todo em guarani. O povo pode participar do sacramento da Eucaristia na sua própria língua. A inculturação do Evangelho foi possível na medida, que a Comissão Episcopal do Paraguai (CEP), em diálogo com a sociedade, trabalhasse arduamente nesse projeto.

 Dentro de Latino América encontramos muitos outros povos nativos que conseguiram conservar a sua cultura, língua, tradições e costumes; apesar da influência da globalização e do descuido do Estado. Eles precisam ouvir a Palavra de Deus penetrada nas entranhas da sua língua. Por isso, necessita-se ainda mais, acolher de maneira comprometida a proposta do Concílio Vaticano II neste continente. Dar lugar as próprias culturas nativas para que falem e se expressem na sua língua, que mostrem seu rosto na Igreja; deve ser o próximo passo da atividade missionária.

É necessário que a Igreja, na sua incansável obra evangelizadora, trabalhe para que o processo de inculturação da fé se exprima nas formas mais coerentes, para que seja também celebrado e vivido segundo as linguagens próprias dos povos amazônicos. É urgente formar comissões para a tradução e redação de textos bíblicos e litúrgicos nas línguas dos diversos lugares, com os recursos necessários, preservando a matéria dos sacramentos e adaptando-os à forma, sem perder de vista o essencial. Neste sentido, é necessário estimular a música e o canto aceitos e incentivados pela liturgia (SÍNODO DOS BISPOS, 2019, n. 118).

 O documento final da Assembleia Especial dos Bispos para a Região Pan-Amazônica, escutou de maneira extraordinária os povos nativos dessa região e propôs novos caminhos para a Igreja e para a ecologia integral. Esse caminho percorre-se pela escuta, atenção, respeito e comprometimento com os povos nativos. A melhor maneira de realizar uma obra missionária é deixando os povos amazônicos louvar a Deus nas suas línguas. Da mesma maneira que aconteceu com a celebração litúrgica na língua guarani, pode realizar-se nessa região pluricultural. Traduzir os textos litúrgicos a partir da língua, atualizar os cantos segundo a realidade, utilizar os costumes para educação da fé na catequese, adaptar a liturgia, como também, falar de Deus a partir dos mitos e das lendas; é possível na medida que se acolhe a proposta do Concílio Vaticano II, e se trabalhe em união com a sociedade.

 **Considerações finais**

 A proposta do Concílio Vaticano II, em unir todo o gênero humano numa só família é possível na medida que a Igreja olhe para as culturas. O Rosto do Pai está presente na vida dinâmica de cada povo, cultura e língua. É urgente buscar anunciar o Evangelho em todas as culturas, principalmente aquelas mais vulneráveis e frágeis da sociedade. Ser uma Igreja acolhedora, implica unir todas as partes na imagem proposta pelo Papa Francisco, o Poliedro. Inculturar o Evangelho implica anunciar o Reino de Deus na língua e costume de cada povo. Na América Latina encontramos ritos litúrgicos, música, Bíblia, Missal, na língua guarani; isso é sinal que existe emprenho e trabalho. Mas, ainda falta muito caminho por percorrer na atividade missionária. Na região Pan-Amazônica encontramos muitas culturas nativas, com línguas diferentes. Todas elas esperam acolher o Evangelho na sua própria língua. Nunca será o mesmo rezar a Deus na língua colonizadora do que na própria língua.

 A esperança de muitos povos nativos está na coragem de muitos missionários que anunciam com valentia o Reino de Deus na língua nativa. Rezar por eles para que lutem e sejam a voz daqueles que ninguém deseja ouvir, é a proposta final deste trabalho. A continuação apresenta-se a oração do Pai Nosso na língua guarani. Rezemos para que mais povos possam viver essa experiência de encarnar o Evangelho na sua língua.

***Ore Ru***

*Ore Ru, yvágape reiméva,*

*toñembojeroviákena nde réra,*

*taoreañuamba nde mborayhu,*

*tojejapo ne rembipota, ko yvy ári yvágape guáicha*

*eme’ê oréve ko árape ore rembi’urã, opa ára roikotevéva;*

*ehejareíkena oréve ore rembiapovaikue,*

*rohejareiháicha ore rapichápe hembiapovaikue orendive.*

*Ha aníkena reheja roike rojepy’ara’ãvai haguáme,*

*ha orepe’a opa mba’e vaígui. Taupéicha.*

 **Referências bibliográficas**

CELAM. Conclusões da Conferência de Puebla: evangelização no presente e no futuro da América Latina. 14. ed. São Paulo: Paulinas, 1979.

COMPÊNDIO DO VATICANO II. Constituição pastoral Gaudium et Spes sobre a Igreja no mundo de hoje. In: Vaticano II: Mensagens, discursos e documentos. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

COMPÊNDIO DO VATICANO II. Constituição Sacrosanctum Concilium sobre a Sagrada Liturgia. In: Vaticano II: Mensagens, discursos e documentos. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

FRANCISCO. Exortação Apostólica Pós-sinodal Querida Amazônia ao povo de Deus e a todas as pessoas de boa vontade. São Paulo: Paulus, 2020.

PAULO VI. Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi sobre a evangelização no mundo contemporâneo. 22. ed. São Paulo: Paulinas, 2017.

SÍNODO DOS BISPOS 2019. Documento Final. Amazônia: novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral. Disponível em: <http://www.synod.va/content/sinodoamazonico/pt/documentos/documento-final-do-sinodo-para-a-amazonia.html>. Acesso 03 mar. 2021.

SOUZA, N; SBARDELOTTI, E. (orgs.). Puebla: Igreja na América Latina e no Caribe: opção pelos pobres, libertação e resistência. Petrópolis: Vozes, 2019.

1. \* Pós-graduando em Psicanálise e em Espiritualidade na UNISAL. Graduado em Teologia pela PUC-SP. Membro do grupo de pesquisa em Teologia e Cultura na PUC-SP. [↑](#footnote-ref-1)
2. Expressão na língua guarani que significa Deus te abençoe. Ela provoca necessariamente no interlocutor a resposta: *Taupéicha*. A tradução na língua portuguesa dessa resposta corresponde à palavra amém. Desta maneira acontece um diálogo de bênção entre pessoas na língua guarani. [↑](#footnote-ref-2)